

A FANTASIA INCONSCIENTE COMO METATRADUÇÃO: O PSIQUISMO LIGADO E DESLIGADO

Viviana Carola Velasco Martinez*
Juliana Baracat#

RESUMO. Este artigo visa argumentar como o sofrimento psíquico ocorre e é mantido por meio da dialética pulsional entre ligação e desligamento. Pela metodologia da “psicanálise extramuros”, apresentamos um recorte literário da obra da escritora norte-americana Carson McCullers para ilustrar como uma tradução rígida pode se colocar como barreira ao processo retradutivo. Assim, o sofrimento psíquico, gerado pelos elementos desligados do inconsciente, não teria chance de adquirir uma nova tradução. Como resultado e com base na Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche, articulamos que a dinâmica pulsional e os conteúdos desligados invadem o próprio campo da síntese tradutiva, mantendo o sofrimento psíquico constante.

Palavras-chave: Teoria da Sedução Generalizada; psicanálise e literatura; sofrimento.

UNCONSCIOUS FANTASY AS METATRANSLATION: CONNECTED AND DISCONNECTED PSYCHISM

ABSTRACT. This article aims to discuss how psychic suffering occurs and is maintained by the pulsional dialectics between connection and disconnection. Through the methodology of “psychoanalysis beyond walls”, we present a literary extract of North American author Carson McCullers to illustrate how a rigid translation can be a barrier to the retranslative process. Therefore, the psychic suffering generated by the disconnected elements of the unconscious would not have the chance to acquire a new translation. As a result and based on Laplanche’s Theory of Generalized Seduction, we articulate that pulsional dynamics and disconnected contents invade the own field of translative synthesis, keeping psychic suffering constant.

Key words: Theory of Generalized Seduction; psychoanalysis and literature; suffering.

LA FANTASÍA INCONSCIENTE COMO META TRADUCCIÓN: EL PSIQUISMO LIGADO Y DESLIGADO

RESUMEN. Este artículo pretende argumentar cómo el sufrimiento psíquico ocurre y se mantiene por medio de la dialéctica pulsional entre ligazón y desligazón. A través de la metodología del psicoanálisis “extramuros” presentamos un recorte literario de la obra de la escritora norteamericana Carson McCullers para ilustrar cómo una traducción rígida puede ponerse como barrera en contra el proceso retradutivo. Así, el sufrimiento psíquico generado por los elementos desligados del inconsciente no tendría oportunidad de adquirir una nueva traducción. Como resultado y basado en la Teoría de la Seducción Generalizada de Laplanche, articulamos que la dinámica pulsional y los contenidos desligados invaden el propio campo de la síntesis traductiva, manteniendo el sufrimiento psíquico constante.

Palabras-clave: Teoría de la Seducción Generalizada; psicoanálisis y literatura; sufrimiento.

* Doutora em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Professora da Universidade Estadual de Maringá na graduação e no curso de Mestrado em Psicologia, na linha de pesquisa Psicanálise e Civilização.

Mestre em Psicologia, linha Psicanálise e Civilização, pela Universidade Estadual de Maringá. Docente da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça-SP.

Este artigo aborda a temática da dinâmica pulsional intrapsíquica conforme os postulados de Jean Laplanche e sua Teoria da Sedução Generalizada (TSG). Nosso ponto de partida está em torno da ideia de que o psiquismo humano opera entre dois modos de funcionamento: um modo mais arcaico em que representações-coisa desligadas e não-coordenadas manifestam-se pela força da pulsão sexual de morte; e outro mais elaborado em que as representações podem ser ligadas numa síntese tradutiva conduzida pela pulsão sexual de vida. Assim, nosso objetivo é discutir como o sofrimento psíquico gerado pelos elementos desligados regidos pela pulsão sexual de morte pode encontrar como barreira para a tradução a circulação de sínteses tradutivas rígidas, provenientes de um superego tirânico e inflexível. É dessa maneira que consideramos que a fantasia inconsciente como metatradução intervém *après-coup*, gerando como resposta defensiva a tradução rígida de forma a conter o “ruído” do sexual que a fantasia comporta.

Para nós, uma metatradução seria o resto tradutivo do recalco originário. Em *Curto tratado do inconsciente* (1999), Laplanche expõe sua visão do inconsciente em dois níveis, sendo que os dejetos da tradução originária, que a nosso ver é a fantasia autoerótica, é fruto das traduções mais arcaicas e profundamente baseadas numa forma semiótica de conter os elementos do sexual/pulsional. O que denominamos de metatraduções seriam os conteúdos traduzidos arcaicamente, cujos restos insistem em emergir como *après-coup* da fantasia originária.

Encontramos nos textos da escritora norte-americana, Carson McCullers (1917-1967), um solo fértil para fazer essa reflexão, pois a análise de alguns trabalhos da autora, sob o ponto de vista da TSG, mostra precisamente a peculiaridade de uma dialética pulsional, cujos elementos são praticamente indissociáveis entre si (Baracat & Martínez, 2012). Isto é, tanto os elementos desligados quanto os ligados não se excluem, há uma mescla entre ligação e desligamento nas manifestações psíquicas, sendo que o que denominamos acima de metatradução seria justamente traduções, cujos elementos desligados são fortemente prevalentes.

O livro *Reflections in a golden eye* (2000) nos parece exemplificar bem como tais traduções inflexíveis funcionam como um impedimento ao processo destrutivo-retradutivo, mantendo certas representações desligadas sem uma chance de ligação possível. Aqui entra em campo o papel da fantasia inconsciente como catalisadora do processo defensivo, o que é singular e particular a cada um. A tradução rígida seria a outra face dessa moeda

dialética, já que realiza uma tradução de mão única, inflexível diante de outras possibilidades ligadoras, as quais dariam margem à emergência de elementos contidos na fantasia autoerótica. Assim, o sujeito sintetiza uma ligação que busca barrar tais conteúdos angustiantes e ameaçadores à integridade egoica, mas que mantém uma articulação com os próprios conteúdos que visa barrar. Amparamos essas ideias na concepção do modelo recalco/tradutivo de Laplanche (1999), em que a tradução, que é sempre falha e incompleta, permite a reverberação mascarada das representações desligadas, apontando justamente para a dialética pulsional que procuramos assinalar.

O livro aqui apresentado é pouco conhecido no Brasil, sem publicação em português. A história gira em torno de um excêntrico triângulo amoroso formado pelo capitão Penderton, sua esposa Leonora e o soldado Williams. O contexto é um quartel general na região Sul dos Estados Unidos, na década de 1940. O foco de nossa atenção é o capitão Penderton, um militar de carreira mobilizado por um forte inconveniente para si: o desejo homossexual não-declarado que o leva a realizar atos sadomasoquistas contra aqueles que atravessam seu caminho.

Não obstante, antes de apresentar a história propriamente dita, vamos apontar alguns elementos importantes sobre o funcionamento psíquico, acentuando o papel do processo de recalco/tradução como norteador da dinâmica pulsional que pretendemos abordar, e como esse processo atua defensivamente contra a fantasia inconsciente que insiste em ser traduzida.

ORIGENS DA METATRADUÇÃO E DA DEFESA TRADUTIVA

Em *Situação antropológica fundamental*, Laplanche (2007) retoma a premissa essencial de seu pensamento: na experiência de cuidados – afetos, brincadeiras, alimentação, higienização – do adulto para a criança, o primeiro transmite mais do que os cuidados autoconservativos, ele transmite os conteúdos parasitários de seu inconsciente – fantasias, conflitos e seu narcisismo originário re-editado – os quais imprimem excesso de excitações na criança. Essa situação é caracterizada por uma assimetria, já que o adulto tem um inconsciente e a criança ainda não.

Para Laplanche (2007), ter um inconsciente significa que o ser já está em atividade tradutiva, pois é a partir dessa atividade que nasce o inconsciente humano, por meio do depósito dos restos não-traduzidos, os objetos-fonte da pulsão. Assim, frente

às mensagens enigmáticas que emanam do outro, a criança inicia sua atividade arcaicamente, auxiliada pelos poucos recursos tradutivos que têm à mão, entre eles, a fantasia.

Laplanche e Pontalis (1988), ao se referir à atividade autoerótica infantil, defendem a ideia de que essa fase do desenvolvimento psíquico é marcada pela existência da fantasia, ou seja, a fantasia é o objeto – parcial – da atividade autoerótica. O parcial aqui serve justamente para marcar a fragmentação da fantasia inconsciente, o que pode ser entendido como a distinção fundamental dessa fantasia em comparação às fantasias pré-conscientes e os devaneios conscientes, já ligados numa síntese tradutiva maior e comportando objetos mais totalizantes.

Laplanche retoma essa ideia em *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante* (1997), apontando que a fase autoerótica, ao contrário do que pensam alguns autores da escola kleiniana, não é uma fase anobjetal, seu objeto é a fantasia. A partir dessa afirmação podemos conceber a fantasia autoerótica como a primeira atividade tradutiva humana. Isto é, o autoerotismo, como uma primeira resposta ao excesso de excitações implantadas pelo outro cuidador, ligar-se-ia a uma produção psíquica caótica e dispersa: a fantasia.

Em *Curto tratado do inconsciente* (Laplanche, 1999), o autor retoma ideias expostas no artigo metapsicológico *O inconsciente* (1915/1996), no qual Freud discute as formas pelas quais um conteúdo inconsciente pode emergir na consciência. Para tanto, o autor forja dois termos: as representações de coisa, que são elementos dispersos e fragmentários que condensam aspectos visuais, sinestésicos e auditivos apreendidos do exterior; e as representações de palavra que seriam as representações de coisa já associadas com termos que as nomeariam. Disso, Freud desdobra duas possibilidades para a tomada de consciência: ou existem dois registros representacionais em lugares diferentes, bastando que o registro no inconsciente viesse à tona pelo rompimento da barreira da censura ou pela rememoração – esta seria a hipótese topológica; ou o registro ocorreria apenas no inconsciente, necessitando uma transformação dele para que emergisse na consciência – sendo esta a hipótese funcional.

Apesar de acreditar ser a hipótese funcional a mais próxima do processo na realidade, Freud vê-se impossibilitado de oferecer uma explicação para o processo. A hipótese tópica, apesar de ser simplista, gera uma explicação mais plausível (Freud, 1915/1996). Já Laplanche (1999) adota como certa a hipótese funcional e consegue embasá-la coerentemente. Para ele, ambos os registros, de

representação-coisa e representação-palavra¹, são distintos, havendo a necessidade de uma transformação para que a representação-coisa se torne uma representação-palavra (Laplanche, 1999).

A transformação da representação-coisa em representação-palavra implica em outras articulações com os conceitos psicanalíticos. Em *A chamada pulsão de morte: uma pulsão sexual*, Laplanche (1999) “faz trabalhar”² a distinção freudiana entre Eros e Tânatos. Para o autor, a pulsão de morte é sexual. Ela coincide com a descrição da pulsão sexual encontrada nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905/1996): é fragmentada, imediatista e se satisfaz com objetos parciais. Já a pulsão de vida, que em Freud sempre foi francamente sexual, segundo Laplanche seria melhor caracterizada no artigo *Além do princípio do prazer* (1920/1996), ou seja, ela busca um alvo total para ligar-se, o que implica numa espera e num trabalho psíquico maior. Laplanche ainda nos indica que esse processo se dá por sobreposições, o que depreendemos que uma maior ligação pulsional – Eros – não exclui o aspecto desligado que sobrevém de Tânatos.

Assim, compreendemos que na vida psíquica a pulsão sexual de morte é anterior à pulsão sexual de vida, pois o resultado do recalçamento originário são justamente os restos de uma tradução arcaica, sendo seu resíduo marcado pelas características da fragmentação, desligamento e fixidez. Precisamente são esses conteúdos que a pulsão sexual de morte chancela. Já as representações-palavras, como resultado do recalçamento secundário, são fruto de uma elaboração psíquica maior, sendo seus dejetos melhor articulados em tramas, como as teorias sexuais infantis e o complexo de castração (Laplanche, 1999).

¹ Laplanche menciona ter excluído a preposição *de* como uma provocação. Podemos pensar que ao falar representação-coisa já se condensa a representação e a coisa em si, não havendo uma representação de algo cuja dificuldade maior é justamente ser nomeado.

² Ao longo da sua obra, Laplanche utiliza essa expressão “fazer trabalhar Freud”, para se referir a “(...) um certo trabalho, trabalho sobre a obra e trabalho da obra (...), trabalho que suplicia a obra” (Laplanche, 1992b, p. 17), o que, em termos metodológicos, é relevante para a análise de um texto, pois significa levar às últimas consequências as tendências da própria obra: “É no seio da experiência inaugurada por Freud – experiência indissolúvelmente clínica e teórica – diria filosófica, que se situa meu pensamento; não para polir os ângulos ou para aperfeiçoar os detalhes, mas para fazê-los trabalhar e no pleno sentido das palavras, lhes fazer entregar a alma” (Laplanche 1992a, p. I). Uma interessante discussão em torno da ideia de “fazer trabalhar Freud”, se encontra no primeiro capítulo de *A Tina* (Laplanche, 1993).

Nossa leitura da obra laplancheana segue essas pistas. Se acreditarmos ser a primeira atividade tradutiva – aquela que funda o inconsciente – a fantasia ligada à atividade autoerótica, essa só pode ter sua origem no fracasso das primeiras traduções, sendo que os aspectos não-traduzidos depositados no inconsciente originam a pulsão sexual de morte. Disso decorreria a fragmentação e a articulação caótica da cena fantasmática como fruto da pulsão desligada, que transcenderia a barreira da censura gerando o “ruído” do sexual/pulsional nas instâncias mais elaboradas (Baracat & Martínez, 2012).

Ademais, compreendemos o autoerotismo como uma primeira resposta da criança frente o excesso sexual implantado pelo adulto (Baracat & Martínez, 2012). Essas excitações, que a princípio são apenas da ordem fisiológica, serão revividas *après-coup*, sendo que a reatualização da emergência do sexual será, a partir do advento da atividade tradutiva, rearticulada em tramas cada vez mais complexas. Não obstante, essas tramas não se excluem, elas estão sobrepostas entre si, de tal maneira que o processo tradutivo, em seu fracasso, continuará a alimentar o arcabouço inconsciente (Laplanche, 2006).

Na transformação que o processo recalçamento/tradução efetua, salientamos que as representações menos angustiantes e ameaçadoras para o sujeito podem ser ligadas pela síntese tradutiva, regida pela pulsão sexual de vida. Já aquelas representações que, se ligadas numa coerência tradutiva, gerariam forte angústia, ameaçando a integridade egoica, são abolidas pelo recalque (Laplanche, 1999). Disso, destacamos que a existência da tradução rígida se colocaria como uma única síntese possível para os conteúdos mais angustiantes, francamente sexuais, que em certos indivíduos são sentidos como extremamente desestabilizadores. Como consequência, notamos que a tradução rígida se impõe como barreira ao processo tradutivo em sua face retradutora, ou seja, se há apenas uma tradução possível para o sexual caótico que habita o inconsciente, outras possibilidades tradutivas se veem inviabilizadas.

Para enfatizar os problemas que essa dificuldade retradutiva implica, apontemos para as consequências da impossibilidade de retradução, na vida e na análise. Como dissemos acima, o processo recalçamento/tradução tem seu papel fundamental na formação do psiquismo, mas não se restringe a esse momento. Pelo contrário, a dialética entre desligamento e ligação permeia toda a vida do indivíduo. É desta forma que Laplanche (1999) nos aponta, por exemplo, a importância da destradução na análise clínica. Se determinada tradução se tornou inviável ou perdeu seu sentido, ela perde sua ligação e

pode ser destraduzida no âmbito do método psicanalítico associacionista e desconstrucionista. Fragmentando determinadas ideias e concepções é que se pode vir a oferecer novas ligações para os elementos-coisa que parasitam o inconsciente e que, de certa forma, nunca chegaram ou chegarão a ter uma síntese coesa total. No trato com pacientes, notamos facilmente que aquilo que os leva a uma análise já é um processo de destradução, sendo que a partir deste é possível que o sujeito elabore seus próprios conceitos sobre a vida, a morte, o amor, entre outras particularidades pessoais.

Laplanche (1992a), em *O tempo e o outro*, relaciona o processo analítico ao trabalho do luto. Na análise, ao entrar em contato com os elementos desligados que emergem pelo processo destradutivo, o sujeito experiencia forte angústia e sofrimento psíquico, já que o encontro com os conteúdos fragmentados opera um desprazer frente à dificuldade de traduzir. No luto aconteceria o mesmo. Perante a ausência do objeto amado, que oferecia uma coesão tradutiva maior ao sujeito, os elementos desligados se impõem como necessidade de elaboração da ausência do objeto perdido. Esse objeto, que em Freud (1915/2010) já está marcado pelo narcisismo e pela ambivalência afetiva, aponta que “o que se perde” (p.175) dele ressoa nas origens exógenas de nossa humanização. Isto é, o narcisismo e a ambivalência afetiva do outro cuidador marcam a polissemia conflituosa dos conteúdos inconscientes, o sexual implantado no *infans*, que são recebidos pela criança como enigmáticos e inaugurará sua atividade tradutiva,

Desta forma, podemos entender que o luto é um *après-coup* do trauma originário: a implantação do sexual do outro em mim. Essa implantação que parte do narcisismo do adulto, ou como diz Bleichmar (1994), de seu suporte narcisizante, gera um excesso pulsional a ser contido, ou seja, tanto no trauma originário quanto no processo de luto, ou análise, há um re-encontro do sujeito com o excesso pulsional produzido pelo contato com o outro. Além disso, se no princípio o outro ainda é um externo, no *après-coup* ele já se constitui como parte psíquica do sujeito, é o “outro em mim” (Laplanche, 1999, p. 103), é o inconsciente³.

Partindo então para o problema aqui abordado – a dialética pulsional que marca o processo tradutivo e que produz, por um lado, a metatradução e, por outro,

³ André (2008) acentua bem o termo *coup*, que em francês significa golpe, como esse golpe do retorno do sexual efractante no sujeito. O golpe aqui pode ser lido tanto como a marca do sexual do outro, quanto o golpe aplicado pela ausência do objeto amado no luto, ou mesmo como o golpe do “ruído” da fantasia inconsciente na análise.

a tradução rígida – vamos buscar apontar na análise de nosso caso *hors cure* como o que denominamos tradução rígida emerge como resposta defensiva perante o *après-coup* da fantasia inconsciente – metatradução fortemente marcada pela prevalência dos conteúdos caóticos e desligados da pulsão sexual de morte. Lembramos, novamente, que esse processo é caracterizado pela dialética entre desligamento e ligação, sendo que tanto a metatradução quanto a tradução rígida carregam em si fortes elementos de ambos os funcionamentos psíquicos.

FANTASMA ORIGINÁRIO VERSUS RIGIDEZ TRADUTIVA

Publicado em 1941, o livro *Reflections in a golden eye* faz parte da produção de Carson McCullers (2000), sulista de nascimento, em torno de uma crítica contundente frente aos preconceitos e segregações – raciais e sexuais – de sua região de origem. Ela própria era bissexual, casada com um jovem militar de carreira e também bissexual. O que depreendemos logo de início na leitura do livro é uma visão sagaz e mordaz em relação à hipocrisia moral difundida no Sul norte-americano em sua época. Um dos personagens centrais, o capitão Penderton, parece-nos o porta-voz de sua crítica, já que McCullers o pinta com fortes tonalidades na caracterização de seu narcisismo, sua ambição e suas dissimulações.

Penderton é um militar casado há anos com a bela e ferosa Leonora, filha de um general já falecido. Podemos dizer que a base da união do casal se dá pelas vias das aparências, pois Penderton só tem pela esposa asco e desprezo. Leonora, que se casara apaixonada, logo descobriu a indiferença do marido, tanto sentimental quanto sexualmente, o que a levou, ao longo dos anos, a recorrer a amantes. Disso se deriva um grande defeito de Penderton, ironiza a autora, enamorar-se dos amantes de sua esposa (McCullers, 2000).

Outra característica marcante deste personagem, que a autora aponta continuamente em sua narrativa, é a covardia moral. Homem culto e inteligente, não consegue deslanchar em sua profissão pelo medo de ousar e pela covardia em ter ideias próprias. Isso sugere ao leitor que o medo e a covardia de Penderton em relação à vida se vinculam à impossibilidade de assumir seu desejo homoerótico (McCullers, 2000).

O ponto de partida da história se dá pela entrada de outro personagem: o soldado Williams. Jovem excêntrico e enigmático, é calado e ensimesmado, não compartilha os vícios comuns a seus companheiros – como jogar, beber e flertar – mas apresenta hábitos estranhos, como cavalgar nu durante a madrugada até

encontrar um lugar ermo para se deitar na grama orvalhada. Do encontro entre os três personagens, a circulação do desejo erótico se inicia: Williams se fascina por Leonora, que o ignora; Penderton se fascina com o soldado, que o ignora propositalmente; e Leonora ignora tudo que ocorre a sua volta (McCullers, 2000). Assim, temos que Leonora desempenha um papel de catalisadora do desejo sexual do soldado, que por seu lado desempenha o mesmo papel em relação a seu marido.

E aqui temos duas situações que andam em paralelo. Williams, em seu fascínio por Leonora, passa a cercar a casa dos Pendertons todas as noites para observá-la. Já Penderton vive uma crescente obsessão em relação ao soldado, cercando-o da mesma maneira. É interessante notar que no capitão o desejo pelo soldado ganha uma tradução pela via do ódio. Ele o odeia, mas não deixa de buscá-lo constantemente (McCullers, 2000).

Um trecho do livro nos interessa em particular, uma cena que condensa vários elementos e que comunica muito ao leitor. A cena em que Penderton tenta cavalgar no cavalo preferido de Leonora, Firebird. Apontemos desde já para o deslocamento que irá ocorrer na cena, se considerarmos que Firebird pode ser tomado como um duplo de Leonora: ambos são audazes e indomáveis – apenas Leonora sabe controlá-lo – como ela, Firebird é belo e fonte de admiração geral no quartel (McCullers, 2000).

O pedido de atrelar o cavalo para ser cavalgado já gera curiosidade nos espectadores da cena: tanto no leitor quanto nos personagens. Isso porque o medo de cavalos do capitão parece ser de conhecimento geral, tanto que suas poucas habilidades de cavaleiro lhe renderam o apelido de *Flap Fanny*, ou seja, ‘bunda mole’. O soldado Williams obedece à ordem e o capitão sai de passeio com Firebird. A cavalgada ocorre sem imprevistos até que, após um movimento de cabeça em que o cavalo mira o capitão nos olhos, Firebird sai numa disparada alucinante, levando o capitão ao desespero. Tenta se segurar ao cavalo de todas as formas possíveis, desviando o rosto dos galhos que o atingem, apavorado diante da possibilidade da morte. Porém, no apogeu de seu medo algo inusitado acontece ao capitão. De extremo terror, de repente nasce nele o ímpeto de viver. A partir daí, o capitão se entrega a esta corrida translúcida, com a face fulgurante de gozo e alegria. Olha a seu redor como se olhasse a vida e seus detalhes mais sutis pela primeira vez: uma flor pequena ao chão, um pássaro rodopiando no ar, o azul límpido do céu (McCullers, 2000).

Não obstante, sua alegria, o cavalo, exausto da corrida intensa, para e resolve não andar mais.

Penderton, irado com a recusa do animal, amarra-o numa árvore e surra-o violentamente, até chegar, também, à exaustão. Senta-se num tronco de árvore e começa a chorar um lamento sofrido e doloroso. É nesse momento que lhe vem à memória uma lembrança de infância:

Por alguns instantes o capitão perdeu a consciência. Então, saindo de seu transe, ele teve uma visão de seu passado. Voltou-se para anos passados como quem olha uma imagem trêmula no fundo de um poço. Ele lembrou-se de sua infância. Havia sido criado por cinco tias solteironas. Suas tias não eram amargas, exceto quando sozinhas; elas riam muito e estavam constantemente às voltas de piqueniques, excursões alvoroçadas e jantares de domingo à noite, em que convidavam outras solteironas. Contudo, elas usavam o garotinho como uma espécie de suporte contra o peso de suas pesadas cruzes. O capitão nunca conhecera o verdadeiro o amor. Suas tias o rodeavam com sentimental animação e, não conhecendo outra forma, ele as retribuía na mesma moeda. Além do mais, o capitão era um sulista e nunca lhe seria permitido esquecer-se disto. Por parte de mãe, ele descendia dos Huguenotes, saídos da França no século XVII, que depois migraram para o Haiti até se tornarem fazendeiros na Geórgia, antes da guerra civil. Atrás dele havia uma história de esplendores bárbaros, pobreza extrema e soberba familiar. Mas a geração presente não conquistara muito; seu único primo era policial em Nashville. Sendo um verdadeiro esnobe, sem nenhuma dignidade, o capitão exagerava o passado perdido (McCullers, 2000, p. 46, tradução da autora).

Essa cena condensa todo o conhecimento que a autora oferece ao leitor sobre o passado do personagem. Portanto, temos que apontar para as próprias polissemias da narrativa, a fim de captar as polissemias do enigma que atingiu Penderton em sua infância. Logo de início, podemos notar que o êxtase eufórico experimentado durante a cavalgada alucinada com Firebird sugere um êxtase sexual. A pressão da pélvis contra o movimento acelerado do cavalo pode surtir o efeito de um ato sexual masturbatório. A sensação de alegria do capitão disparada pelo prazer sexual denota que ao se entregar a cavalgada e enfrentar seu medo da morte, algo em Penderton foi libertado.

Contudo, o prazer e a liberdade experimentados pelo capitão se associam de imediato com a lembrança da infância. Desta maneira, temos, por um lado, a emergência do prazer sexual fragmentado e disperso;

por outro, a síntese coerciva da tradução familiar, já introjetada na instância superegoica. A vivência da fantasia autoerótica como uma atuação (*acting-out*), no galope e depois no castigo impiedoso infligido ao cavalo, convoca imediatamente a tradução superegoica chancelada pela lembrança das tias. Apontemos que o autoerotismo aqui está associado ao cavalgar, enquanto a crueldade que segue esse ato nos parece se ligar à fantasia, e esta podemos capturá-la apenas por indícios dispersos.

O conflito do personagem parece disparar, como a disparada do cavalo, algo da cena fantasmática originária, impregnada de elementos perversos polimórficos, cujo *après-coup* demanda uma resposta do sujeito diante do sexual excessivo. A atuação autoerótica aqui ganha contornos específicos. Ela pode ser entendida como resposta à tradução rígida que se impõe ao capitão. Mas para apontarmos isso, primeiro precisamos desdobrar os conteúdos sintetizados na cena.

Desde Laplanche, sabemos que tanto mensagens, quanto as traduções (e o autor engloba o complexo edípico nessa categoria) são transmitidas geracionalmente, como vemos neste trecho de *Vida e morte em Psicanálise* (1985), em que ele comenta sobre o Édipo:

De fato, esquece-se com demasiada frequência, ao se falar da relação mãe-filho ou da relação genitores-filho, que os pais tiveram pais; eles têm seus “complexos”, seus desejos marcados pela historicidade, de modo que reconstruir o complexo edípico da criança como uma situação triangular, esquecendo que, nos dois vértices do triângulo, cada protagonista adulto é também portador de um pequeno triângulo, e até de toda uma série de triângulos intercalados, é desprezar um aspecto essencial da situação (p. 51).

Assim, tanto as mensagens enigmáticas quanto as traduções, o desligamento e a ligação, são transmitidas geracionalmente, sendo que o enigma recebido é metabolizado peculiarmente por cada um. Podemos notar que aquilo que não é metabolizado, o conteúdo enigmático das mensagens, continua a reverberar nas dissonâncias tradutivas. No caso abordado, Penderton é fruto da criação das cinco tias solteironas. Pela narrativa de McCullers (2000), depreendemos que os assistentes de tradução veiculados a ele ainda criança giram em torno da virilidade e da coragem masculina familiar. O passado de glórias atua como uma imposição ao ser do capitão, que dessa forma opta por uma profissão que não condiz em nada com seu caráter covarde.

Além do mais, as aparências já eram mantidas desde os tempos das tias, quando a autora nos relata que elas sempre buscavam oferecer ao menino um ambiente festivo e alegre – menos quando estavam sós. Esse comentário adicional nos sugere que, apesar da alegria manifesta no lar, Penderton, o capitão não deixou de testemunhar algo da tristeza e da amargura de suas tias, das quais ele era um depositário indireto – um “suporte para suas pesadas cruces” (McCullers, 2000, p. 46). Aqui, vemos o impacto da recepção do enigma do outro deslizando sutilmente nas entrelinhas da fala animada, nos gestos articulados festivamente, na polissemia das feições dessas mulheres.

Pela brevidade da narrativa de McCullers (2000), acerca da infância do personagem, podemos apenas fazer sugestões. O que significaria esse menino órfão para cinco mulheres solteiras e, provavelmente, virgens? Aqui, cabe apontar um pouco da mencionada crítica da autora sobre sua época e região. Penderton poderia significar toda a liberdade – sexual e profissional – que as mulheres nesse contexto não tinham. Poderia ser o filho que elas nunca teriam, fruto do encontro sexual também frustrado. Enfim, em poucas palavras, sugerimos que o excesso pulsional das próprias tias já estava constricto em traduções rígidas, pois as possibilidades retradutivas aqui estavam fora de seu alcance, tanto externo – chancelados por aquela cultura – quanto interno – chancelado pelo superego. Vemos que o mesmo processo acomete Penderton, pois sua homossexualidade não é aceita nem no plano cultural – e aqui versa a crítica de McCullers sobre o Sul norte-americano da época – nem no plano subjetivo, impresso na instância ideal.

Disso, pensamos que as tias de Penderton apenas poderiam obter alguma satisfação sexual de forma autoerótica. Pela narrativa, não sabemos por que não se casaram, ou por que não buscaram outra forma de retraduzir seu sexual. Sabemos apenas que não tinham mais ninguém no mundo, além do menino. Ademais, essas tias, que eram em cinco, podem ser encaradas como uma mesma pessoa, cuja força do excesso pulsional pode ser multiplicado por cinco. O excesso não-metabolizado por elas atingiu o menino, imprimindo um enigma intrusivo, desestabilizador, do qual apenas uma resposta firme e rígida poderia tentar barrar.

Notamos, então, que o embaralhamento dos conteúdos ligados e desligados é transmitido geracionalmente na família Penderton. Tanto o enigma do sexual que aqui é pouco metabolizado, quanto as traduções veiculadas pelas tradições familiares e que são passadas ao outro, mantém o funcionamento autoerótico como única resposta frente aquilo que insiste em se manifestar.

Porém, o autoerotismo precisa ser destacado em dois níveis. A princípio, ele surge como resposta possível ao excesso sexual. Pela narrativa da autora (2000), não sabemos por quais motivos um objeto total não pode ser ligado ao erotismo, sabemos apenas que essa ligação entre erotismo e objeto não ocorre ou, em outras palavras, ocorre, mas sob a chancela do ódio e não do amor. Vemos, por exemplo, que por toda narrativa da história, a tradução que a autora oferece ao fervor erótico do capitão pelo soldado se dá pela via do ódio e do asco. Assim, não ocorre o amor – laço que liga o sujeito libidinalmente a um objeto total e coeso. De qualquer forma, diante da impossibilidade do objeto, a libido liga-se apenas a si mesmo, ao corpo enquanto outro erótico. Aqui, temos o autoerotismo como resposta, ou como tradução do sexual.

O outro aspecto que buscamos salientar é do autoerotismo como *après-coup* do autoerotismo infantil e sua ligação com a fantasia, que a essas alturas já é inconsciente. Ou seja, o funcionamento autoerótico da família Penderton é *après-coup* de um autoerotismo anterior, cujo objeto – a fantasia – já se tornou um dejetivo no inconsciente. E aqui encontramos o ponto de partida de nossa hipótese, que pode agora ser melhor vislumbrada. A fantasia enquanto uma metatradução se manifesta por meio das representações-coisa chanceladas pela pulsão sexual de morte. Desta maneira, por mais rígida que a tradução superegoica se imponha, constringindo o sexual ao funcionamento autoerótico – fragmentado e dirigido a objetos parciais – os conteúdos dispersos da cena fantasmática reverberam e invadem o sujeito *après-coup*, numa atuação dos conteúdos que não podem ser ligados numa síntese mais elaborada. Além do mais, o autoerotismo aqui pode ser compreendido como uma tradução pobre e arcaica do sexual, já que não viabiliza que esses sujeitos – o capitão e suas tias – se liguem a objetos totais.

Apesar de nosso foco aqui ser o processo dialético da tradução, podemos também apontar brevemente para outros conteúdos dispersos que sobressaem na cena. Como relatamos, a crueldade parece ser o ponto que se associa à cena fantasmática. O excesso intrusivo do sexual/pulsional das tias do capitão nos indica que a fantasia autoerótica originária produzida metabolizou o excesso do outro numa manifestação sádica e violenta, cristalizada na fantasia. Porém, pensamos que essa crueldade a princípio foi masoquista, tendo o prazer autoerótico um suporte na dor impressa tanto pelo outro, quanto pela atividade sexual arcaica dirigida ao próprio corpo.

Na idade madura, o masoquismo originário retorna desdobrado. Ele pode ser lido tanto como o prazer sofrido sentido pelo personagem, quanto como a crueldade dirigida ao outro – no caso o cavalo – no

movimento em direção a um alvo externo que caracteriza o sadismo. Aqui, a surra ganha relevos sobrepostos. Vemos que o alvo dela é fragmentário, sendo que o cavalo pode ser entendido como um desdobramento das tias, do capitão, do soldado desejado, ou simplesmente um objeto de ocasião que se coloca diante de Penderton para extravazar o sexual contido.

Assim, diremos que o entrecruzamento entre ligação e desligamento gera a tradução inflexível que notamos na cena relatada, assim como gerou em tempos anteriores a fantasia autoerótica que, por sua não-tradução, retorna *après-coup* como atuação enigmática daquilo que o sujeito não consegue domar – o cavalo sexual/pulsional. Funcionando autoeroticamente, como suas tias, Penderton mantém o senso de fidelidade a elas, realizando a seu modo o ideal familiar, mesmo à custa de mentiras e sofrimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *As forças em jogo no conflito psíquico*, Laplanche (1999) argumenta que o superego é uma instância em que se faz nítida a dialética pulsional. Por um lado, contém os elementos desligados regidos pela pulsão sexual de morte, conforme apreende-se dos imperativos categóricos tirânicos dessa instância. A isso, o autor acrescenta a possibilidade de uma prevalência das mensagens enigmáticas não-metabolizadas provenientes do outro. Assim, o imperativo superegoico pode ser visto como a persistência do enigma, ao que agregamos a ideia de tradução rígida. Por outro lado, o ideal de ego agregado nessa instância oferece a vertente tradutiva chancelada pela pulsão sexual de vida, sendo responsável pelas possibilidades de ligação a serem forjadas, especialmente na análise.

Por meio do recorte literário, pensamos ter ilustrado como essa dialética opera. É claro que um personagem literário, por mais verossímil que seja ao humano, não é um ser concreto, com toda sua complexidade. Mesmo criado por alguém, o personagem literário é fruto de elaboradas sínteses tradutivas, que organizam e constroem melhor o sexual/pulsional. Não obstante, esse recorte nos serviu para apontar como o sofrimento psíquico oriundo dos elementos desligados atuantes pela via da pulsão sexual de morte, pode também ser gerado pela impossibilidade de uma destradução. Ou seja, uma tradução se for tão rígida a ponto de não poder ser destraduzida e retraduzida acaba por funcionar da mesma forma que o enigma, gerando angústia e sofrimento.

Aqui está o conflito do capitão Penderton, já que tanto o fantasma quanto a resposta tradutiva são fonte de sofrimento. O problema está justamente na forma como a dialética pulsional opera nesses registros. Tanto a metatradução, no caso a fantasia inconsciente, quanto à tradução estão permeadas por elementos desligados e ligados. A metatradução como tradução arcaica e impregnada de elementos dispersos e caóticos gera tanto mal-estar quanto a tradução rígida, cuja rigidez consiste precisamente no enigma que persiste e não pode ser traduzido. Aquilo que insiste em ambos a ser traduzido é bloqueado pela face recalcante do processo recalçamento/tradução, ou seja, abole as possíveis coordenações que ofertariam maior síntese aos elementos desligados. Por outro lado, se traduzido plenamente, o enigma desestabilizaria o sujeito ao pôr em evidência a marca do sexual do outro, outro que um dia foi externo, mas que já foi absorvido como “outro em mim” (Laplanche, 1999, p. 103).

Assim, o que denominamos tradução rígida manifesta-se como uma ligação irredutível, pois não abre vias para outras traduções. Ela é cristalizada como a única resposta do sujeito frente seu sexual desligado, sugerindo-nos que certas traduções superegoicas podem veicular representações pouco metabolizadas pelo sujeito. A polissemia do enigma é tratada defensivamente como um fechamento das vias retradutivas, ou seja, ao sufocar as ambivalências que caracterizam o enigma, o sujeito efetua uma síntese fixa. Essa síntese, apesar de chancelada pela ligação tradutiva, busca obliterar a emergência do sexual desligado. E assim, vemos que a dialética pulsional impressa no processo recalçamento/tradução gira em círculos, pois há tanto de desligamento nas sínteses tradutivas, quanto ligação nos conteúdos desligados.

A metatradução seria, então, essa condensação pulsional que faz com que as representações fixas e rígidas chanceladas pela pulsão sexual de morte invadam a coesão tradutiva. A fantasia autoerótica cristaliza esse processo, já que pode ser compreendida como uma atividade – arcaica – que busca metabolizar a sexualidade perversa polimórfica infantil que, além do mais, é o mesmo material exógeno que parte do outro cuidador em direção à criança. A tradução rígida viria, assim, a se colocar como resposta – ou resistência – à emergência dos conteúdos desligados, mas, a nosso ver, ela apenas alimenta mais a roda giratória da dialética pulsional, pois não consegue barrar efetivamente a eclosão desses conteúdos. O sofrimento psíquico fica emparelhado entre as representações-coisa que insistem em ser traduzidas – e que geram mal-estar por sua não-tradução – e pela tradução rígida que opera um fechamento no processo tradução-destradução-retradução.

No caso analisado, vimos que o desejo homoerótico de Penderton se mantém nessa encruzilhada. Ele não pode escapar por sua insistência repetitiva – apaixonar-se pelos amantes da esposa – nem pela tradução superegoica que funciona como o imperativo categórico.

No final da história, temos outro momento simbólico dessa dialética do personagem. Como relatamos rapidamente, o soldado Williams vive um fascínio obsessivo por Leonora. No movimento paralelo ao do capitão, o soldado continua a perseguir voyeuristicamente Leonora, a ponto de entrar nu⁴ de madrugada em seu quarto. Ao ouvir um barulho estranho no quarto da esposa, Penderton segue para lá, munido de uma arma. Vislumbra um vulto e, sem pensar, atira contra o mesmo. Quando acende as luzes, o impacto da realidade o oprime. Vê que atirou e matou o soldado desejado/odiado, cujo olhar ainda mantinha o magnetismo sexual que o fascinara.

Assim, morto o objeto e preso eternamente ao prazer unicamente autoerótico, o desejo continua vivo. E assim vivendo, a dialética pulsional continua constricta ao fechamento que o *après-coup* da vida não consegue derrubar – a tradução rígida.

REFERÊNCIAS

- André, J. (2008). A violência no rosto. O *après-coup* dos traumas precoces. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia fundamental*, 11, 545-561.
- Baracat, J. & Martínez, V. V. (2012). *O amor entre enigma e tradução: um estudo da obra de Carson McCullers sob a perspectiva da Teoria da Sedução Generalizada*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 11-75). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). O inconsciente. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 171-223). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a sexualidade. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 119- 217). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trans., Vol. 12, pp. 170-194). São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1915).
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1992a). *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. Trad. C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1992b). *La révolution copernicienne inachevée*. Aubier.
- Laplanche, J. (1993). *A Tina*. A transcendência da transferência. Trad. P. Neves. São Paulo, Martins Fontes. (Original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1997). *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J. (1999). *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: Quadrige.
- Laplanche, J. (2006). *Problématiques VI: L'Après coup*. Paris: Quadrige.
- Laplanche, J. (2007). *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien 2000-2006*. Paris: PUF.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1988). *Fantasia originária, fantasias dos origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- McCullers, C. (2000). *Reflections in a golden eye*. New York: Mariner Books.

Recebido em 19-07-2012

Aceito em 28-11-2012

Endereço para correspondência: Viviana Carola Velasco Martinez. Rua Prof. Ney Marques, 21, CEP 87020-300, Maringá-PR, Brasil. *E-mail:* vcvmartinez@hotmail.com.

⁴ A nudez do soldado, que ocorre em várias cenas do livro, pode ser compreendida como esse golpe, *après-coup*, do desejo homoerótico do capitão. É como se, por mais rígida que fosse sua tradução, o sexual irrompesse como essa nudez que atinge, excita e mobiliza o capitão, mostrando-nos a inevitabilidade do encontro com o sexual.